

DOCUMENTO E DOCUMENTAÇÃO EM JEAN MEYRIAT: A INFORMATOLOGIA

Afonso Celso Magalhães Madeira¹
Josuel Ferreira dos Santos²

1 FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Nascido em 1921 na cidade de Lyon, o francês Jean Meyriat inicia seus estudos em 1937 na Universidade de Lyon e prossegue em Paris, onde obtém o grau de *agrégé* em Letras Clássicas no ano de 1943. Em 1945 licencia-se em Ciências Históricas e Filológicas na Escola Prática de Estudos Avançados.

Sua carreira acadêmica e no magistério conta com diversas experiências. Entre 1943 e 1946, leciona em uma escola secundária em Madrid, Espanha. Em 1946 e 1947 leciona no *Lycée Voltaire*, em Paris. No período de 1946 a 1984 é conferencista e professor de ciência política no IEP³ de Paris e de 1947 a 1948 é professor no colégio Pothier em Orléans, França. De 1958 a 1971 leciona no Instituto para o Estudo do Desenvolvimento Econômico e Social. Foi docente de Política Externa dos Estados da América Latina no Instituto de Estudos Superiores da América Latina de 1964 a 1981. Seu constante interesse pela América Latina parece não ser recíproco no Brasil, em vista dos seus poucos trabalhos por aqui traduzidos.

Em 1948, a gestão do Centro de Documentação da *National Foundation for Political Science* marca o interesse pelo campo da documentação, com o desejo de reconhecê-lo.

Com ampla atuação na área, este teórico e praticante da documentação da informação participou da criação, em 1950, e foi Secretário-Geral do CIIDSS⁴ na recém-criada Unesco até 1991. Entre 1952 e 1976 funda, codirige e depois dirige o

¹ Mestre em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA), especialista em EAD (Faculdade Visconde de Cairu), especialista em Docência do Ensino Superior (Associação Baiana de Educação e Cultura/Centro de pesquisa e Pós-Graduação da Fundação Visconde de Cairu), graduado em Administração com habilitação em Análise de Sistemas (Faculdade Visconde de Cairu). Endereço de correio eletrônico: prof@afonsomadeira.com.

² Mestre em Ciência da informação (Universidade Federal da Bahia – PPGCI/UFBA), graduado em Biblioteconomia e Documentação (UFBA). Endereço de correio eletrônico: josuel.ufba@hotmail.com

³ IEP – *Institut d'Études Politiques*.

⁴ CIIDSS – Comitê Internacional de Informação e Documentação em Ciências Sociais.

Centro de Relações Internacionais, vinculado à Comissão de Ciências Jurídicas e Políticas do CNRS⁵. Foi Editor-chefe da revista *Bibliographie Internationale en Sciences Sociales* entre 1952 e 1988. Presidiu o Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais do Mediterrâneo de 1961 a 1965. Em 1962 foi Diretor de Estudos da EPHE⁶, no departamento Metodologia da Informação Científica. A colaboração de Robert Escarpit leva à publicação de um livro em 1972. No período de 1962 a 1990 realizou intensa atividade no campo da ciência da informação, criando o Diploma de Estudos Aprofundados e o Doutorado da SIC⁷ e sendo o responsável até 1980.

Entre os anos de 1968 e 1971 trabalha no Instituto Internacional de Administração Pública e no Instituto de Estudos Políticos de Grenoble. Em 1969, cria e dirige, até 1990, o Ciclo Superior de Especialização em Informação e Documentação no IEP¹; torna-se membro e presidente da Comissão Pedagógica Nacional dos Departamentos do IUT⁸; e membro da CNRS³.

Em 1970 ingressa no Conselho de Administração da *Association of Information and Documentation Professional* e em 1972 assume a presidência. No período de 1974 a 1984 representa a França no Comitê Formação de Professores da Federação Internacional de Documentação, criada por Paul Otlet; e de 1976 a 1994 participa da delegação francesa envolvida na padronização Comitê Técnico ISO/TC 46.

Entre 1974 e 1978 é delegado francês do GT Formação de Especialistas da Informação e Documentação Científica e Técnica da Comissão das Comunidades Europeias.

O ano de 1975 é brindado com a criação da seção Ciências da Informação e Comunicação no Conselho Superior de Universidades da França, sendo o reconhecimento institucional desta nova interdisciplina, da qual é um dos pilares, juntamente com Robert Escarpit, Roland Barthes e Robert Estivals.

Em 1977 torna-se membro do comitê consultivo do Programa de Informação Geral PGI-UNISIST da Unesco e até 1982 preside a Associação Internacional de Escolas de Ciências da Informação; até 1991, é membro da Comissão Executiva da

⁵ CNRS – *Centre National de la Recherche Scientifique*.

⁶ EPHE – *École Pratique des Hautes Études*.

⁷ SIC – *Sciences de l'information et de la Communication*.

⁸ IUT – *Instituts Universitaires de Technologie*.

Cooperação Europeia em Informação e Documentação em Ciências Sociais.

Em 1978 lança e mantém A Carta da Infocom e em 1979 participa da criação do grupo de pesquisa SFSIC⁹, sobre a palavra escrita e o documento, que torna-se posteriormente a SBS¹⁰. Por muito tempo presidiu esta sociedade erudita que se esforça para definir os contornos da ciência da informação e comunicação e que oferece documentação abundante sobre Meyriat porque deve a ele sua existência.

Nos anos de 1984 a 1988 preside a 71^a seção do Conselho Nacional de Universidades, dedicada às SIC e de 1987 a 1993 é membro francês da seção de Bibliotecas de Ciências Sociais da IFLA¹¹.

Em 1989 funda e preside até 1993 a Federação de Associações de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas de Língua Francesa. De 1989 a 1995 atua como perito da Comissão Nacional de Avaliação dos Estabelecimentos Públicos de Natureza Científica, Cultural e Profissional e entre 1981 e 1985 preside a ADBS¹².

Entre 1992 e 1997 preside, e depois secretaria, a ABCD¹³. No período entre 1992 e 1996 preside o Conselho Europeu de Associações de Informação e é membro do EBLIDA¹⁴.

Meyriat chefiou ainda o DECID¹⁵. Realizado entre 1998 e 2000, este projeto promovido pela ADBS, apoiado por ele e pela Comissão Europeia, estabeleceu um referencial europeu de competência em informação e documentação assinado pelo ECIA¹⁶, resumindo-se em uma Euroconferência composta por dois volumes¹⁷. Vol. 1 – Competências e aptidões dos profissionais europeus da documentação da informação e Vol. 2 – Níveis de qualificação dos profissionais europeus da documentação da informação.

2 DISTINÇÕES E HONRARIAS RECEBIDAS

⁹ SFSIC – *Société française des sciences de l'information et de la communication*.

¹⁰ SBS – *Société de Bibliologie et de Schémas*.

¹¹ IFLA – *International Federation of Library Associations and Institutions*.

¹² ADBS – *L'association des Professionnels de L'information et de la Documentation*.

¹³ ABCD – *l'Interassociation pour archivistes, bibliothécaires, conservateurs, documentalistes*.

¹⁴ EBLIDA – *Bureau européen des associations de bibliothécaires et de documentation*.

¹⁵ DECID – *Developing Euroskills in the information and documentation sector*.

¹⁶ ECIA – *European Council of Information Associations*.

¹⁷ Disponível em: <https://cordis.europa.eu/project/id/9700468>

Entre distinções e honrarias recebidas ao longo de sua vida, na França, estão a medalha de Oficial da Legião de Honra (*Officier de la Légion d'honneur*), em 1972¹⁸; a medalha de Cavaleiro da Ordem do Mérito Nacional (*Chevalier de l'Ordre du mérite*), em 1991¹⁹; a medalha de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas (*Chevalier dans l'ordre des Palmes Académiques*), em 1992. Também neste ano, a medalha *Prof. Kaula Gold Medal and Citation*, da organização chamada Prof. Kaula Endowment for Library and Information Science²⁰.

Blanquet (2021) faz também referência a uma medalha Aristóteles, da Unesco, em reconhecimento à sua eminente contribuição para a cooperação científica internacional, mas uma busca sobre o assunto não logrou êxito.

3 ALGUMAS PUBLICAÇÕES DE JEAN MEYRIAT

Entre suas publicações²¹, o livro *La science politique en France 1945-1958*. Participou, com outros autores, de pelo menos 20 trabalhos no livro de 1993 de Robert Estivals, *Les Sciences de l'écrit. Les encyclopédies du savoir moderne*. Com Jean-Baptiste Duroselle, prefaciou o livro de Pierre Hassner e John Newhouse, *Les diplomaties occidentales: unité et contradictions*, de 1966. E publicou três artigos no periódico *Documentaliste-Sciences de l'Information*, intitulados *Coopérations européennes pour la promotion des professionnels de l'I&D et de leurs compétences* (2007/2, Vol. 44); *L'Euroréférentiel nouveau est arrivé!* (2004/2, Vol. 41); e *Témoin ou acteur? L'ADBS en son temps* (2003/2, Vol. 40).

4 DOCUMENTO, DOCUMENTAÇÃO, DOCUMENTOLOGIA

O conceito de documento parte da versão clássica proposta por Paul Otlet e continuada por Suzanne Briet — conhecida como Madame Documentação e chamada por Blanquet (2021) de Madame Antílope —, posteriormente retomada por discípulos espanhóis e franceses, dentre os quais Meyriat e Escarpit que “[...] enfatizam a noção de informação para um conceito de documento que se dá a partir

¹⁸ Grande Chancellerie de la Légion d'honneur. *Vocation de la Légion d'honneur*.

¹⁹ Grande Chancellerie de la Légion d'honneur. *L'ordre national du Mérite*.

²⁰ Prithvi Nath Kaula, representante da escola indiana de documentação.

²¹ <https://www.cairn.info/publications-de-Jean-Meyriat--33031.htm>

do seu uso.” (ORTEGA; LARA, 2021).

Para Meyriat (2016, p. 241), “O documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar e que é durável”, donde sobressaem as inseparáveis noções de natureza material (o suporte) e conceitual (o conteúdo, a informação). Sob tal perspectiva, qualquer objeto pode ser um documento e por esse mesmo motivo, a noção de documento supera a de escritos, que não constituem a única maneira de se transmitir uma informação. Todo objeto pode, então ter a função de suporte de informação – e ser, assim, um documento.

Meyriat chama a atenção para a dupla possibilidade de origem de um documento: aquela intencional, quando o objeto é criado para fornecer informação, e aquela posterior ou subsidiária, que emerge da inquisição do utilizador, dando nova função ao objeto, antes ignorada ou desnecessária.

A teoria matemática da comunicação, de Shannon e Weaver, estabelece que a comunicação realiza-se por dois agentes em papéis opostos, o emissor e o receptor da mensagem transmitida, através de um meio e utilizando signos conhecidos por ambos (SÁ, 2019). Emissor e receptor podem fornecer uma significação à mensagem, mas apenas vontade ou intenção do emissor não é suficiente para que a informação se comunique. O conhecimento dos signos e mesmo o entendimento prévio da informação tendem a reduzir deformações, perdas e ruídos na comunicação, mas é preciso considerar também a importância que tem o receptor da informação recebida. A vontade do usuário em obter informação pode fazer de um objeto qualquer, um documento; assim como o contrário também é verdadeiro: a falta de vontade do usuário de decifrar a informação em um documento intencional pode torná-lo um objeto com outra função precípua, dependendo do uso que faça daquele objeto.

Dessa maneira, um jornal impresso pode ser um documento, mas pode vir a ser uma embalagem, para quem dessa forma o utiliza. E, a qualquer momento, pode ser novamente um documento, inclusive, suportando outras informações que não meramente as originalmente intencionais. O autor está sempre presente, mas o leitor, ausente, ao ignorar a informação proposta. Portanto, a mera vontade do emissor não basta. O documento não surge necessariamente como tal, mas sim

como produto de uma vontade, seja de informar, seja de se informar, e esta última é sempre necessária.

Sendo assim, Meyriat junta-se à Suzanne Briet sobre a intencionalidade no conceito de documento. Um documento requer um remetente, mas também um destinatário. Um objeto produzido intencionalmente para ser um documento pode deixar de sê-lo se não for recebido como tal. Pesquisadores podem utilizar dois tipos de informação: a que já existe e que só é preciso coletar e a que emerge do seu objeto de estudo. As do primeiro tipo são registradas em um suporte, o documento.

Meyriat questiona o reconhecimento do par informação-comunicação (infocom) introduzido na França por Escarpit. Nos países anglo-saxões, os conceitos de estudos ou ciências da comunicação são completamente distintos daqueles de ciências da informação. Meyriat defende que a palavra *documentação* deve estar necessariamente associada à palavra *informação*. A expressão documentação-informação torna-se comum no final dos anos 60 em francês, alemão e inglês e o par *info-doc* surge em contextos profissionais e técnico, títulos de revistas, instituições e cursos.

Sobre o termo *documentação*, Meyriat destaca três acepções. Primeiramente, um conjunto de documentos intencionalmente constituído. Em segundo lugar, a construção do objeto, a ação de documentar, e, conseqüentemente, a técnica ou conjunto de técnicas usadas para coletar, classificar e explorar documentos. Por fim, um terceiro sentido mais abstrato: esta técnica, como qualquer outra, é fundamentada em um apanhado de conhecimentos subjacentes. Neste caso, decorrentes de uma ciência ainda mal constituída que por vezes é nomeada de *documentação*.

Assim, *documentação* pode designar a) um conjunto de documentos relativos ao mesmo assunto; b) o conjunto de práticas que possibilitam a obtenção desse produto; c) a esfera de atuação de quem conhece e implementa profissionalmente essas práticas; e d) o corpo de princípios e normas que as fundamentam.

Em sua busca por uma palavra para definir o domínio do conhecimento ou disciplina de ensino em questão, a prática documentária, Meyriat analisa ainda o termo *documentologia*, cujo sufixo indicaria o discurso científico sobre documentos e não

sobre documentação. Que para aceitar seu primeiro uso, é necessário descartar o segundo. Desta maneira, a expressão cuidaria da produção e distribuição de objetos destinados a serem documentos, ainda que virtuais, assim como a bibliologia, a filmologia e a discologia com seus objetos específicos de estudo, sendo apenas uma generalização destas disciplinas e de outras afim. Ou seja, a *documentologia* estudaria o sistema de produção e distribuição de *documentos por intenção*, enquanto a *documentografia* nomearia o estudo enumerativo descritivo e classificador de todo tipo de documento.

Neste caso, faltaria ainda dar nome ao estudo dos *documentos no destino*, aqueles que não foram intencionalmente produzidos como tal, mas assim foram travestidos pelo usuário em fornecedores de informações. Nesse conceito mais amplo de documento, o que se busca não é a forma, a estética, a casca: é a informação. “O próprio conceito da abordagem documentária [...] é, portanto, a informação.” (MEYRIAT, 2016, p. 250).

E nesta abordagem, é uma ciência da informação, à qual ele propõe chamar de *informatologia* (MEYRIAT, 2016, p. 250), que, juntamente com a *documentologia*, seriam as duas grandes disciplinas da ciência da informação, sendo a segunda necessariamente mais ampla que a primeira, por abranger os quatro grandes gêneros de informação — os quais ele dividiu por função da informação (explicitamente útil ou de utilidade difusa) e duração da vida da informação (instantânea ou durável) —, ao passo que a *informatologia* só envolveria as informações explicitamente úteis, tanto instantâneas quanto duráveis. Mas se tal distinção é clara no âmbito da informação, não o é quanto aos documentos que a suportam, vez que aquela é qualificada pelo uso que dela é feito e, portanto, posterior à produção destes.

Avançando na inovação terminológica, Meyriat sugere que o detentor do discurso científico sobre informação e cultivador da *informatologia* seria um *informatólogo*, enquanto o implementador das realizações da disciplina e praticante da transferência da informação seria um *informatista*, lamentando a indisponibilidade do termo *informático*.

Este incansável estudioso do documento e da documentação nos deixou logo após

o Natal de 2010, em Paris, contribuindo de forma inequívoca com um legado essencial para a ciência da informação.

REFERÊNCIAS

BLANQUET, Marie-France. **Jean Meyriat (1921-2010): um construtor de documentação-informação**. Disponível em: <https://4sd3grcmnktpkjr6v5vgllr7lu-adv7ofecxzh2qqi-www-reseau-canope-fr.translate.goog/savoirsdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-de-la-presse/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/jean-meyriat-1921-2010-un-batisseur-de-linformation-documentation.html>. Acesso em: 24 de Abril de 2021.

LIS Learning. **Prithvi Nath Kaula (1924-2009)**. Disponível em: http://lislearning.in/index.php?option=com_content&view=article&id=298&catid=14&Itemid=272. Acesso em 8 mai. 2021.

MEYRIAT, J. Documento, documentação, documentologia. Trad.: SILVA, Camila M. A. da. Rev.: BRITO, Marcílio de. ORTEGA, Cristina D. Traduzido de: MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation, n. 14, p. 51-63, 1981. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**. v.21, n.3, p.240-253, jul./set. 2016. p. 240-253.

ORTEGA, Cristina Dotta. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. InCID: **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 41-64, ago. 2016. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp41-64. Acesso em: 11 mai. 2021.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da ciência da informação. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 9, 2008. São Paulo, Anais...São Paulo, USP, 2008. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1019?show=full>. Acesso em 7 mai. 2021.

SÁ, Alzira Tude. **Uma abordagem matemática da informação: a teoria de Shannon e Weaver - Possíveis leituras**. Instituto de Ciencia da Informação. Universidade Federa da Bahia (UFBA). DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2018v5n1.p48-70>. Logeion: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, p. 48-70, set.2018/fev.2019.